

## BORI: A ARTE DE DAR COMIDA AOS DEUSES

Marcello Moreira<sup>1</sup>

As religiões de matriz africana na Bahia são conhecidas por aquilo que se denomina "dispêndio ritual" (VOGEL, SILVA MELLO & PESSOA DE BARROS, 2001, p. 8), ou seja, uma forma aparentemente demasiada de oferendas, que, na verdade, é sempre compreendida como um aquém frente à benevolência divina. Quando se dá comida aos Deuses, esse dispêndio se torna evidente tanto no sacrifício de animais – sejam eles de quatro patas (bodes, carneiros e porcos), ou de duas (galos, galinhas, galinhas-de-angola, pombos, patos) –, quanto na oferta das chamadas “comidas secas”, que são ariadas frente ao *assem* ou assentamento do Deus no momento em que se Lhe entrega as partes dos animais sacrificados devidamente preparadas segundo receitas rituais. Dar comida aos Deuses é rito fundado na piedade, e, sabe-se, sua forma mais acabada de expressão é sem sombra de dúvida o sacrifício, pois este sempre implica o oferecimento complementar de grande quantidade de comida seca, embora se possa, no dia a dia, para propiciar o Deus ou para Lhe agradecer, oferecer-Lhe comida seca sem necessário e complementar holocausto. Quando se dá comida aos Deuses no quarto de santo, em que está o *assem* ou assentamento em que habita a divindade (recipiente feito de barro cozido, porcelana ou madeira – a depender do Orixá ou Vodum que nele se encontra –, em que

---

<sup>1</sup> Professor Pleno de Literatura Brasileira e de Historiografia e História Literária do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Estrada do Bem Querer, Km 04, Vitória da Conquista, BA, CEP: 45083-900. Bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: oreira.marcello@gmail.com

estão depositados os fetiches, sempre vários, podendo ser de origem mineral, como pedras, ou ainda ferramentas de ferro forjado e batido, no formato concorde com a divindade que o impregna – arco e seta para Odé, o Deus da Caça, por exemplo, denominado pelo povo de santo “ofá” –, de origem animal, como conchas e búzios, dentre outros, ou ainda de origem vegetal, como sementes, favas e cabaças), o animal que se Lhe dá em complexa cerimônia ritual, de que fazem parte inumeráveis cantigas e gestos litúrgicos, é escolhido cuidadosamente, para que sexo, cor, porte, beleza e vigor atendam às exigências do Deus que há de comê-lo. A faixa de pano com que se amarra o animal, um ojá, apresenta formato de borboleta, com dois laços, caso o bicho seja fêmea, ou apenas um, caso o bicho seja macho, e serve para marcar o caráter sacral do animal, escolhido para a imolação; o ojá, uma vez amarrado no animal, torna patente seu caráter de oferta ao tempo em que é forma de “apresentação” pública dessa oferta e seu componente propriamente formal faz parte da rigorosa formalização a que estão sujeitas todas as práticas de cunho litúrgico associadas ao sacrifício. Ao comer, o Deus que come recebe as primícias do sangue, o *ejé*, que se derrama sobre o assentamento; partes do animal dotadas de maior força sagrada são retiradas durante sua posterior evisceração e preparadas na cozinha do terreiro seguindo receitas, como já se disse, que atravessaram o Atlântico durante os séculos de domínio colonial português, e, também, durante os longos anos de tráfico já sob o Império. As partes do animal, cozidas na cozinha de santo, são oferecidas ao Deus juntamente com todos os outros pratos preparados para a Sua mesa (a área do chão do quarto em que ocorreu o sacrifício que medeia entre o assentamento e a porta de ingresso), tendo cada Deus Suas comidas prediletas, cujos ingredientes e modo de preparo fazem parte dos segredos das casas de santo.

Cada Deus tem um paladar e Suas preferências se expressam na escolha dos diferentes animais que são sacrificados a cada um d'Eles; o que se Lhes oferece vai do sangue muito quente de porcos, bodes e carneiros, e de suas contrapartes femininas, à linfa fria do caramujo, de natureza apaziguante, pois ela, a linfa, é a baba com que lentamente o animal constrói sua casa, espiralando pacientemente o tempo que gira em torno do eixo da concha e em torno do vértice de si próprio; a linfa apazigua, pois é símbolo de paciência, calma, tranquilidade, conquanto pertinazes. Se o sangue que se oferece a cada Deus difere de outros, que não podem Lhe ser dados, pois não Lhe agradam, esse gosto se desdobra em uma série de outros que Lhe são correlatos; Xangô, orixá da justiça e senhor do raio, come quiabo, assim como Oiá, sua mulher, senhora do trovão e dos ventos, come acará; Ogun, senhor do ferro e da tecnologia, come inhame; Oxóssi, Deus da caça e da provisão de alimentos, come milho. A comida dita "seca", no *candomblé nagô*, feita com elementos oriundos do solo, como grãos, raízes e folhas, é complementar daquela oriunda da imolação, mas ambas agradam a um gosto, não se podendo ofertar o amalá de quiabos a Oxóssi ou o axoxô de milho e coco a Xangô. Quando se imolam animais no quarto de santo a um Deus, o sangue vertido sobre o *assem* cai sobre este encontrando-o em posição sempre vertical ou frontal; como se sabe, o axé ou energia vital de cada Deus impregna instrumentos de ferro, pedras (*otás*) e outros elementos constituintes do *assem*, devendo todos eles estar "em pé" (aqueles que têm base e ficam eretos sobre ela, assim devem permanecer durante a matança, como é o caso do ferro de Ossanha, o Deus-Floresta, constituído de haste central, em cujo topo pousa um pássaro – o pássaro-poder de Ossanha –, de que saem seis outras hastes em posição diagonal, formando três pares de hastes em oposição, tendo a haste central como eixo, arrematadas no formato de folha, sendo o ferro de Ossanha, por

consequente, uma árvore miniaturizada que o representa, ou ainda a representação, por meio de suas sete hastes, dos sete pilares do mundo, árvores sacrais que servem de morada dentre outros às Iás – divindades cujo culto respeita ao poder feminino e à feitiçaria. Os instrumentos de ferro impregnados do axé do Deus, que não ficam eretos, pois destituídos de base, como é o caso do ofá de Oxóssi, devem, no entanto, assim como o de Ogum – em formato de arco e em cuja seção estendida, horizontal, se encontram várias réplicas de ferramentas humanas feitas comumente de ferro, dádivas do Deus da metalurgia –, estar com a face frontal voltada para cima; o sangue dos animais sacrificados é vertido sobre a parte da ferramenta que sinodoquicamente equivaleria à cabeça da Divindade, sua parte apical ou frontal; dar comida ao Deus significa sobretudo propiciar à Sua cabeça o axé dos animais imolados, cerimônia cuja simetria encontramos no ato de dar comida à cabeça dos iniciados, denominada *bori*.

A cerimônia que representa, após a da lavagem ritual de fio de contas, a integração crescente de um neófito em uma família de santo é sem sombra de dúvidas o *bori* – “dar comida à cabeça”. Nessa cerimônia, que não descreveremos aqui, são sacrificados em benefício do *ori* (cabeça) dois bichos de pena, uma galinha-d'angola e um pombo, e o sentido desse sacrifício se expressa em uma das cantigas cantadas durante a cerimônia: "A cabeça trará coisa boa". No *bori*, a cabeça recebe o *ejé* dos animais de pena sacrificados em benefício dela, ao tempo em que na mesa do *bori* são arriadas frente ao neófito e por conseguinte frente à cabeça as partes dos animais imolados devidamente preparadas na cozinha de santo segundo receitas rituais. Se há um componente comum ao *bori* e à cerimônia de dar comida aos Deuses, é justamente essa duplicidade de oferendas que se destinam à cabeça e às divindades: de um lado, o *ejé*, e, de outro, as

comidas secas; estas últimas se designam assim porque obviamente se opõem ao derramamento de sangue sacrificial, estando o sacrifício no domínio do cru, enquanto a oferta de comidas secas naquele do cozido, que lhe é complementar.

O que há de belo na performance e fotos que integralizam o que Ayrson Heráclito chama de *bori*? É preciso ressaltar o que causa à primeira vista estranheza no ritual performado pelo artista: se em seu *bori* se dá comida a várias cabeças, não se lhes dá contudo aquilo que comumente a cabeça recebe quando da feitura de um *bori*, ou seja, pombo e galinha-de-angola; não há, aparentemente *ejé* no *bori* de Ayrson Heráclito, o que o tornaria do ponto de vista da prática religiosa jeje e nagô totalmente atípico, e, por conseguinte, inócuo; no *bori* de Ayrson Heráclito, cabeças cujo Deus se sabe recebem em oferenda alimento de origem vegetal, conquanto cru, que seria normalmente ofertado ao Deus depois de devidamente preparado na cozinha da casa de santo; dá-se à cabeça de um filho de Xangô um monte de quiabos, que a circunda, que forma em torno dela uma coroa; dá-se a um filho de Ogum imensa quantidade de raízes de inhame, cruas. O que Ayrson Heráclito promove com essa aparente reversão do cozido ao cru? Por que dar à cabeça do filho de um Deus, sem o devido preparo, o que é ofertado normalmente ao Deus depois de devidamente cozido? Se o quiabo é base da comida seca dada a Xangô, e se o inhame é base da comida seca dada a Ogum, embora não se as dê aos seus filhos durante a cerimônia do *bori*, é porque no *bori* de Ayrson Heráclito o alimento cru, dado à cabeça, justamente por ser cru, é metáfora do que é por excelência ofertado à cabeça dos Deuses quando das grandes cerimônias do candomblé jeje e nagô: o inhame cru, na performance de Ayrson Heráclito, é o conjunto dos bichos cujo *ejé* se dá a Ogum; o quiabo é metáfora do sacrifício em agrado a Xangô. O cru é metáfora do cru. Há, contudo, no *bori*

de Ayrson Heráclito, alimentos que são entregues à cabeça tendo passado por um certo cozimento, conquanto este não implique o preparo ritual do prato feito a partir de ingredientes cozidos, porque, no caso, estes não são integrados a outros que perfazem a receita ritual. A cabeça de lemanjá, por exemplo, apresenta-se circundada por monte de arroz branco e favas cozidas; o cozimento, nesse caso, permite que se amontoe melhor o arroz cozido, que, caso cru, se espalharia por uma larga área em torno do *ori* ou cabeça; ao tempo em que o cozimento permite a produção de uma dada forma, altera também o aspecto dos grãos, pois estes se tornam brancos e opacos, e é justamente sua brancura e opacidade que incrementam a reflexão da luz sobre sua superfície; como a luz não se reflete igualmente sobre toda a superfície, pois há os minutos interstícios entre os grãos, em que a luz penetra, a imensa massa de grãos de arroz e fava produz o efeito de água em arrebenção, água que se encapela em arroz, arroz que são dedos de espuma com que lemanjá vem acarinhar a aspereza do chão para o acalmar; cabeleira de marolas de arroz, enfeitada da madreperla das favas, que se lança ao encalço de tornozelos incautos. Se há cabeça a que se oferta comida ritual acabada, esse é o caso de Obaluaiê, sem que, no entanto, a correspondência do cru ao cru seja deixada de lado. Sabe-se que Obaluaiê, o Senhor da Terra, cujas chagas foram mitigadas pela língua doce de vira-latas que as lamberam – animal sagrado deste Deus –, viu-se um dia curado, segundo uma das versões dos mitos que falam de sua doença e regeneração, quando Oiá, soprando sob a roupa de palha de palmeira que O encobria, transformou Suas feridas em pipocas em flor, em primavera da cura; o *doboru*, chaga desabrochada em medicina do corpo e da alma, é o Deus que se oferta ao mundo, que se dá para a extirpação dos malefícios; a cabeça de Obaluaiê representa a floração do corpo do Deus que se abre em torno da preta corola que é a cabeça de seu filho. A pipoca em flor é a carne

sanada do Deus que se transformou em medicina de todos os males, e embora nos pareça fruto do cozimento, é miticamente carne com que todos os doentes têm de comungar. À cabeça de Nanã, que está circundada de massa de grãos cozidos, milho branco e feijão preto, além de milho amarelo torrado, não se dá comida seca ritualmente preparada; os grãos ofertados à Nanã, *no bori*, são análogos daqueles oferecidos à cabeça de Iemanjá, e pode-se estabelecer uma analogia de procedimento artística produtiva entre essas duas obras; no caso da cabeça de Nanã, o cozimento dos grãos até que fiquem bem moles, como se estiverem a coalescer, produz mimeticamente a lama, a que se associa a Deusa; como se sabe, Nanã é responsável pela oferta a Oxalá da lama primordial de que foram e são feitos todos os seres humanos, lama essa que, sendo Nanã, deve integrar-se a Ela no momento em que a vida de todos os homens finda no *aiê*, a terra, o aqui e agora de toda existência; os grãos que se dá a Nanã, que se integram uns aos outros pelo alto cozimento por que passaram, representam os homens – sendo cada grão caroço da espiga da nossa comum humanidade –, e o tempo de cozimento demorado a passagem do tempo de nossas vidas; cozer mais significa viver mais, e, conseqüentemente, aproximar-se do momento em que todos se tornam indistintos pela reintegração ao fundo primeiro de que todos proviemos; a cabeça de Nanã, formada de milho branco e feijão preto, apresenta-se cindida por uma faixa de grãos de milho torrado, que a repartem em dois hemisférios, as lateralidades direita e esquerda, mas também o sul e o norte, ou seja, o mundo; pode-se, é claro, pensar que a cabeça da iniciada a Nanã seja a cabeça da Deusa, pois sabemos que os Deuses se unem aos homens quando são fixados por meio de sacrifício ao topo da cabeça, o *oxu*; a cabeça de Nanã está circundada por uma coroa de grãos, ou melhor, por uma coroa de lama, o *adê* de Nanã, que lhe enfeita o *ori*; o *adê* de Nanã é o mundo, com seus dois hemisférios, é a

casa em que vivem os homens, feitos da mesma matéria do mundo em que vivem; Nanã, ao final, há de comer cada grão da comida que se lhe dá.

Se há em todas as peças da série *bori* a manifestação da mais extremada sacralidade e devoção, essa pregnância do sagrado só se torna possível por meio da mais bem acabada linguagem artística, que potencializa os significados de que estão dotados os elementos de que se constituem as peças.

Diante de nossos olhos, enquanto transcorre seu *bori*, Ayrson Heráclito promove sua série sacrificial em homenagem ao grande panteão cultuado na Bahia, e sem *obé*, sem faca sacrificial, homenageia os Deuses dando-Lhes o que Lhes sabe melhor.